

LUIZ RUFFATO

Flores artificiais



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Luiz Ruffato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

<completar>

Imagem de capa

<completar>

Revisão

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruffato, Luiz

Flores artificiais / Luiz Ruffato. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2448-0

1. Ficção brasileira I. Título.

14 - 03646

CDD - 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira

869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

VIAGENS À TERRA ALHEIA

Uma história inverossímil

Li, certa vez, um ensaio do escritor italiano Luigi Pirandello em que ele afirma que a vida pode ser inverossímil, a arte não. Pois esta história, por ser real, soará talvez fantasiosa. Para comprová-la sequer conseguiria avocar o testemunho do protagonista, que jaz numa cova rasa no alto do Cemitério Municipal de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais. Nem mesmo saberia localizar os personagens secundários, há muito encobertos pelo pó do tempo. Portanto, cabe empenhar minha palavra de que o aqui exposto busca recompor, da melhor maneira possível, alguns aspectos da biografia de Robert (Bobby) William Clarke. O resultado é uma envergonhada sombra de sua verdadeira trajetória — que possui passagens muito mais insólitas...

As noites de inverno costumam ser bastante frias em Juiz de Fora. Podem tornar-se insuportáveis, caso não se esteja bem agasalhado. Eu vinha de Rodeiro, lugar quente, filho de uma família de sitiantes pobres, e, embora há tempos morando na cidade,

não me habituava com a mudança de clima. Naquele segundo ano cursando engenharia, tinha me estabelecido numa pensão barata na parte baixa da rua Batista de Oliveira, que, se durante o dia animava-a forte comércio monopolizado por sírios e libaneses, à noite transformava-se em reduto de pequenos traficantes, malandros e meretrizes. Partilhava o quarto, constituído por dois beliches e guarda-roupa, com dois estudantes, um de direito, outro de odontologia, e um sujeito, pouco mais velho que nós, que consumia os dias à janela, fumando cigarros ordinários e falando sobre projetos irrealizáveis.

Seguia com rigor uma rotina. Pela manhã, incluso na mensalidade, dona Clarice oferecia-nos pão mirrado, no qual lambuzava uma leve camada de margarina, e uma caneca de água cheia de café ralo manchado por um pingo de leite. Saía correndo, pegava um ônibus lotado, assistia aulas até o meio-dia, almoçava uma comida insossa e pesada no restaurante universitário, acompanhava com sono algumas disciplinas à tarde. De regresso, conversava com os colegas, repassava lições, lia um romancista russo, minha obsessão naquela época. Perto das onze e meia me dirigia à avenida dos Andradas, onde aguardava, junto com boêmios, desempregados, prostitutas e desvalidos em geral, Bebel servir, à meia-noite, sua famosa porque baratíssima sopa, elaborada com sobras do dia, com que nos refestelávamos.

Em fins de maio, meu corpo percebeu mudanças na paisagem. E quando junho se anunciou, com suas úmidas manhãs brancas e noites azuis e melancólicas, constatei meu despreparo para enfrentar a friagem que se avizinhava. Forrava os pés com folhas de jornal, vestia calça sobre calça, camisa sobre camisa, e ainda assim meus pulmões ardiavam com o ar gelado. Possuía apenas uma blusa vermelha de lã, e por isso andava todo o tempo de braços cruzados, buscando aquecer as mãos sob o sovaco.

E foi assim, a tiritar, que me posicionei na fila do Bar da Bebel, antecipando a quentura da Seleta Bodelér, apelido sarcástico para o mesmo caldo grosso anotado em letras góticas na placa preta exposta à porta, nome que Dalcídio Junqueira mudava cotidianamente, exercitando sua verve de poeta em troca da refeição grátis. Em seguida, chegou um homem de ralos cabelos agrisalhados, barriga cirrótica, cachimbo pendurado no canto da boca, carregando uma valise de couro ressecado, quebradiço, em formato trapezoidal, semelhante às utilizadas por representantes de laboratórios farmacêuticos. O que me chamou a atenção é que nada usava sobre a camisa puída. Eu havia descoberto que falar e gesticular diminuía o desconforto e resolvi puxar conversa. O senhor não sente frio? Ele pousou-me enigmáticos olhos castanhos, declarou, com forte sotaque, Não, para mim isso não é frio, e riu, irônico. Perguntei de onde vinha, Sou inglês, mas de ascendência escocesa, disse, com desmesurado orgulho, o que destoava da condição indigente que partilhávamos naquele momento.

Logo, Bebel deu sinal para que entrássemos e arranjamos uma mesa próxima ao caldeirão fumegante, o que nos garantia um prato bem servido e meio pão — à medida que a madrugada avançava, a concha de Geraldinho, o cozinheiro, ia se tornando avara. Tomamos a sopa calados, sôfregos, sob o olhar fiscalizador de Bebel, que exigia não demorássemos mais que o necessário, liberando lugar para os famintos lá de fora. Depois, saímos a caminhar pela avenida Rio Branco, as vozes represadas pela barreira de edifícios. Percebi que Bobby, havíamos nos apresentado quando na fila, mancava da perna direita e perguntei o que causara aquilo. Ele falou, debochado, Nada, apenas uma granada que explodiu perto de mim... Então, esteve numa batalha?, e tentei adivinhar em que guerra poderia ter se metido, sem atinar com nenhuma. Sim, estive em algumas, e encerrou o assunto. Cruzamos em silêncio o calçadão da rua Halfeld e, na esquina

com a Batista de Oliveira, antes de me despedir, perguntei o que, afinal, ele fazia em Juiz de Fora. Baforando o cachimbo, respondeu, Mato ratos.

Assim, meu contato inaugural com Bobby, com quem privaria de uma estranha e espasmódica amizade pelos quase dois anos seguintes. Robert William Clarke nascera em Southampton, sudeste da Inglaterra, descendente, como fazia questão de frisar, dos Clarke escoceses — o que os diferenciava era a presença do “e” final, inexistente nos sobrenomes ingleses... —, e agora arrastava, para cima e para baixo, uma maleta cheia de veneno para exterminar ratos, que distribuía em botequins, bares e lanchonetes de Juiz de Fora. A pequena clientela garantia seu sustento e o pagamento do aluguel do quarto minúsculo num hotel de quinta categoria na rua Henrique Vaz, zona de prostituição da cidade, onde manipulava perigosos produtos químicos em baldes de plástico coloridos. Reviver o sinuoso caminho percorrido entre Southampton e Juiz de Fora — eis a quase impossível tarefa a que me proponho.

Este é um arremedo de biografia, construída como pontes pênséis sobre abismos. Tudo que sei sobre Bobby, lembranças de lembranças, foi-me relatado de maneira caótica, com largos lapsos e imensas contradições. E costuro esses fragmentos, ouvidos há mais de trinta anos, com uma linha que já não distingue memória e imaginação.

Terminado o período de resguardo da mulher, James William Clarke, magro, comprido, ruivo, intensos olhos azuis, calado e reservado, aceitou o convite para empregar-se na São Paulo Railway e, em 1929, mudou-se com a família para o Brasil. Enge-

nheiro ferroviário, desembarcou em Paranapiacaba encarregado da manutenção da estrada que, partindo do porto de Santos, escalava a Serra do Mar rumo às fazendas de café do interior do estado. São daquela vila as primeiras recordações de Bobby, a casa de madeira, ampla e avarandada, pintada de vermelho e cercada pela mata virgem, onde habitavam extravagantes pássaros, como tucanos e papagaios, e macacos que o divertiam com suas traquinagens. Bobby gostava também de ver as pessoas e coisas desaparecerem em meio à densa neblina que subjuga o lugar de repente. Sorumbático, o pai chegava do trabalho, lavava-se, jantava, e, acomodado em sua poltrona num canto da sala, bebia e fumava, entretido na leitura dos jornais, preservado seu sossego pela mulher, que proibia até mesmo que o filho andasse pela casa, para não importuná-lo. Bobby não demonstrava nenhuma estima por ele — a única manifestação de apreço ocorria ao recordar-se dos domingos, quando, de boné, camisa de mangas compridas e largos calções, o pai posicionava-se orgulhoso no gol do time dos ingleses, em acirradas partidas de futebol contra os brasileiros.

As palavras mais afetuosas reservava para a mãe, Emily Merrifield, uma mulher magra, bonita, triste, olhos e cabelos castanho-claros. Lembrava-se dos primeiros tempos, a casa decorada com pequenas flores do campo coloridas que colhiam nas imediações, as histórias que ela contava teatralmente, as brincadeiras que inventava para vencer a solidão dos dias intermináveis. Bobby não sabia, mas já naquela época a mãe vivia o ocaso de sua lucidez. Pouco a pouco, os macacos que atacavam as árvores frutíferas do quintal e invadiam a cozinha, os mosquitos que tomavam todos os cômodos da casa, as aranhas que enredavam-se no teto, as lagartixas que passeavam na parede, o alarde da natureza ao despertar pela manhã e o alarido ao recolher-se no fim da tarde, o silêncio apavorante da noite, o calor abafado, o frio inapelável,

tudo desesperava seus nervos frágeis... Até que um dia, varrendo a sala, a empregada descobriu uma jararaca debaixo do sofá, e a mãe, em pânico, subiu numa cadeira, gritando histérica, um tumulto tão grande que de todos os lugares acudiram pessoas. Alguém entrou na casa com um pedaço de pau, acoossou a cobra, matou-a, e sustentando-a pelo rabo quis exibi-la à “dona inglesa”, para provar que tornara-a inofensiva. Aproximou-a do rosto da mãe e ela, paralisada de medo, desequilibrou-se, desabou no chão, e, urrando de dor, percebeu que um sangue espesso escorria por entre as pernas, e, antes que o médico da empresa fosse localizado, ela havia abortado uma gravidez de quatro meses. A partir daí, o ressentimento que devotava ao Brasil transformou-se em ódio e, deprimida, isolou-se de todos. Trancou-se aterrorizada no quarto, mantido sempre escuro, estendida na cama, muda, remota, qualquer sobressalto e seu coração disparava. Em 1937, voltaram à Inglaterra.

O regresso para Southampton, embora contrariasse o desejo do pai, que gostava com sinceridade dos trópicos, atenuou as perturbações da mãe, presentes apenas nos pesadelos que a deixavam zozna ao longo do dia. Dois anos depois, estourou a guerra, e James, oficial da reserva, foi convocado para a frente de batalha. Emily tornou a sofrer crises constantes, piorando de vez durante o célebre verão de 1940, quando a Luftwaffe despejou toneladas de bombas sobre a cidade, arruinando para sempre seus nervos já bastante abalados. Em agosto, internaram-na em um manicômio, e Bobby, recolhido pelos avós maternos, mudou-se para Hemington, uma pequena aldeia perto de Trowbridge. Ele havia se acostumado, após ouvir o silvo dos petardos caindo dos aviões, a se esgueirar pelas ruas de Southampton em busca de metralhas entre os escombros. Trocar essa vida de aventuras por um cotidiano sem graça, em um lugar onde só moravam velhos e cujo grande acontecimento era reunirem-se no fim da

tarde em torno de enormes rádios para tentar escutar, entre zumbidos, as últimas notícias dos combates, entediava-o profundamente. Então, Bobby se escondia em cima das árvores ou no alto dos celeiros sonhando o dia em que iria corpo a corpo enfrentar sozinho seus próprios inimigos.

Com o fim da guerra, James instalou-se de novo em Southampton, mas por pouco tempo. Em 1947, arrumou emprego na Caminhos de Ferro de Benguela e enviou Bobby para cursar engenharia química no Imperial College, em Londres. Estudante mediano, passou todo o período de faculdade esquecido da mãe, alienada em definitivo das coisas do mundo, e do pai, apartado em algum posto fronteiriço entre Angola e o Congo Belga. Dessa época de “alegre irresponsabilidade” permaneceram vastas reminiscências, como a vez em que compraram por uma bagatela um Buick velho e enferrujado, cimentaram-no por dentro, arrastaram-no, de madrugada, até o meio da ponte de Waterloo, e aguardaram a manhã despertar atônita com o enorme engarrafamento provocado pelo trambolho atravessado na pista. Ou quando, desafiado pelos colegas, bebeu tantos *pints* de cerveja que saiu carregado do *pub* para o hospital, em coma alcoólico. Ou quando ateou fogo num prédio abandonado, que, não fosse a presteza dos bombeiros, teria se alastrado por todo o quarteirão. Ou ainda quando, aproveitando o *smog*, encarnava Jack, o Estripador, sobretudo longo, echarpe, chapéu enterrado na cabeça, e caminhava pela noite assustando os transeuntes que circulavam pela East End... No dia seguinte à festa de formatura, Bobby se deu conta, estarrecido, de que precisaria, dali para a frente, fazer alguma coisa, ser alguém, ter alguma utilidade. Há muito não sabia do paradeiro do pai e a mãe definhava no sanatório. Sentiu-se só, incapaz de cumprir um papel na sociedade, constituir família, filiar-se a algum clube, morrer enfastiado nos estreitos limites da ilha. Animou-o a convocação para o Exér-

cito britânico: em meados de 1953 um impecável uniforme de tenente desembarcou satisfeito e orgulhoso no porto de Mombaça, no Quênia.

A Revolta dos Mau Mau estourara há pouco e Bobby assumiu o comando de um pelotão com vinte e quatro homens, que entrava em ação logo após as escaramuças entre soldados ingleses, muito bem treinados e equipados, e pastores e agricultores portando armamento leve e ultrapassado, lanças e machetes. Sua missão era esquadrihar o campo de batalha em busca de feridos e executá-los sem piedade. Bobby acreditava que combatia guerreiros selvagens e sanguinários que assassinavam cruelmente os *settlers* — e ele e seus subordinados cumpriam as ordens com extrema eficácia, sem titubear. No começo, ainda sentia certo mal-estar, acuavam-no à noite os gritos e olhares súplices dos *kikuyus*, mas resistia, porque como oficial, supunha, necessitava manter-se exemplo irrepreensível para sustentar a confiança e a lealdade dos subalternos. Com o tempo, mergulhou nas águas profundas da apatia, mesmo quando o conflito se acirrou e passaram a matar não mais apenas os homens, mas suas mulheres e filhos. Perambulava pelos planaltos e florestas quenianos como que anestesiado, embebedando-se com uísque, o cachimbo a deformar a boca, pondo fogo em aldeias, respirando a fumaça negra, cheiro de gasolina e carne humana esturricada. Em fins de 1956, desmobilizado, tornou à Inglaterra.

No Natal daquele ano visitou a mãe no sanatório em Southampton e assustou-se com sua aparência. Gostava de lembrar-se dela jovem, o rosto iluminado pela claridade das manhãs de verão brasileiras, os cabelos macios exalando aroma de flores silvestres. O que encontrou, entretanto, foi uma mulher envelhecida, fedendo a urina e remédio, muda expressão de renúncia. Deprimido, buscou os avós maternos em Hemington e descobriu-os no pequeno cemitério da aldeia. Viajou até Manchester, onde

suspeitava haver alguns Clarke, mas, por mais que especulasse, não conseguiu localizar nenhum. Pensou em emigrar para a Austrália ou para os Estados Unidos, pensou em ir atrás do pai em Angola, pensou em se matar numa manhã de domingo em que a primavera parecia provocá-lo com tanta beleza. Fixou-se em Londres, onde arrumou emprego na Imperial Chemicals Industries. Inadaptado à vida civil, bebia todos os dias num *pub*, The Ship, em Wandsworth, desde a hora em que saía do emprego até o badalar do sino anunciando as onze horas. Lá, uma noite, em meados de 1961, conheceu Mister Völler, um militar aposentado que se dizia sul-africano, e que interessou-se por seu passado no Quênia.

Mister Völler não precisou de mais que cinco encontros para convencer Bobby a largar tudo e juntar-se a um grupo de mercenários contratado por Moïse Tshombe, que encabeçava, apoiado pelas mineradoras belgas, um movimento de secessão da província de Katanga contra o governo central da recém-independente República do Congo. Recrutado, por sua experiência, para a tropa de choque do IV Comando, liderada por “Mad” Mike Hoare, participou das refregas contra as forças regulares, e, depois, contra os cascos azuis das Nações Unidas, até dezembro de 1962, pouco antes do ataque final a Elisabethville, capital dos rebelados. Pressentindo a derrota, Bobby fugiu, sozinho, de trem, em direção a Dilolo, na fronteira com Angola, alcançando a Vila Teixeira de Sousa, última estação da Caminhos de Ferro de Benguela, onde, acreditava, acharia o pai. Contudo, desapontado, dele apenas soube imprecisas e contraditórias notícias, que morava em Luanda, que voltara para a Inglaterra, que vivia amasiado em Nova Lisboa.

As chuvas de verão acantonaram Bobby num hotel barato, onde arrastava os dias úmidos embebedando-se com *maruvu*, afligido pelos mosquitos, imaginando que a qualquer momento

alguém iria bater à porta do quarto recendendo a mofo para convocá-lo a uma nova empreitada. Menos de dois anos antes havia sido deflagrada a guerra contra os portugueses, mas ali, naquele fim de linha, as informações escasseavam. Falava-se vagamente de movimentações nas florestas do norte e de confrontos do Exército com guerrilheiros apoiados pelos russos, nas proximidades da capital. Bobby cachimbava, impaciente. Até que uma manhã acordou de pesadelos terríveis e um estranho cansaço impediu-o de levantar-se da cama, a cabeça latejava, calafrios passeavam pelo corpo. À tarde abraçou-o uma febre altíssima, tremores, suores, delírios. Quando a noite desceu, relâmpagos iluminando os lençóis empapados, trovões sacudindo as paredes, mesmo esgotado percebeu-se melhor. Dois dias depois, tudo se repetiu, e o *miúdo* que varria o chão do cômodo diagnosticou, *É paludismo, mister.*

O quinino minorou os estragos da malária, mas Bobby não conseguiu cumprir seu intento de deixar Angola de imediato. Estava decidindo se se arriscava a ir a Léopoldville para tentar contatar algum dos colegas com quem havia lutado em Katanga ou se viajava até Luanda de onde voltaria para Londres, quando afundou o sapato no gargalo de uma garrafa quebrada, que, rompendo o couro esfacelado, enterrou-se em seu calcanhar, o sangue misturando-se com a lama da rua sem calçamento. No hotel, lavou e esterilizou o machucado com álcool, mas o quarto inteiro latejou ao longo de toda a noite. Pela manhã, o pé inchado e vermelho, conduziu-se devagar ao posto de saúde e o enfermeiro, observando preocupado o talho purulento, avisou que não tinha antibiótico. Enquanto absorto enchia a seringa com anti-inflamatório, recomendou que Bobby providenciasse com urgência alguém para acompanhá-lo ao Hospital do Vouga, perto de Silva Porto, a mais de setecentos quilômetros de distância.

Os dias deslizavam morosos como as nuvens que observava de seu leito no prédio branco plantado no meio da *anhara*. Ao chegar, alertaram Bobby da gravidade do caso. Sempre demonstrara absoluto desprezo pela morte, mas agora, pela primeira vez, aos vinte e sete anos, aquele cheiro podre o nauseava. Teve medo de sucumbir às bactérias que devoravam seu corpo e ser enterrado numa cova rasa, no modesto cemitério que deveria haver ali por perto, cuja cruz branca com seu nome pintado à mão, escrito errado, os temporais derrubariam. Agarrou-se ao braço da freira e sussurrou, com pavor, Não quero morrer! Não quero morrer! Acalmado-o, ela disse, O senhor crê em Deus? Reze para que Ele o auxilie neste momento difícil. Bobby nunca havia perdido tempo em pensar nas coisas aprendidas em aborrecidas manhãs na escola dominical presbiteriana em Paranapiacaba e Southampton. Com os avós maternos ainda frequentou cultos em Trowbridge, mas depois jamais pisara numa igreja. E agora a irmã de caridade lhe dava como única opção um apelo aos céus.

Salvou-o um jovem moreno, baixo e sarcástico, chamado doutor Moreira Porto. As enfermeiras haviam dito que talvez tivessem que amputar o pé direito inteiro, pois a parte necrosada era enorme, uma plasta de carne preta, mas o médico anunciou após a cirurgia que havia conseguido limpar bem a área contaminada, extirpando apenas um pedaço do calcanhar. Por pouco, acrescentou, o senhor estava a conversar com anjos... ou demônios... que ao fim e ao cabo talvez sejam a mesma e única coisa... Passava as visitas sempre contando anedotas e dando notícia do mundo — os conflitos raciais nos Estados Unidos, a aproximação de Fidel Castro com a União Soviética, o agravamento da ação guerrilheira na Guiné Portuguesa, o confuso cenário político de Angola. Vagaroso e dolorido, o processo de recuperação: deitado todo o tempo, entreouvindo incompreensíveis conversas em línguas nativas, aguardava ansioso a chegada dos enfermeiros.

Pela manhã, após engolir os comprimidos, baixava a calça do pijama para aplicarem-lhe injeção na bunda, motivo de assombro dos outros pacientes, impressionados com a brancura de sua pele; à tarde, após trocar os curativos, asseavam-no com um pano ume-decido; à noite, mais injeções e comprimidos, os barulhos dos bichos, leões, leopardos, hienas, javalis, e o pipilar de milhares e milhares de pássaros, a escolta de sua insônia.

Embora esperada, pois padecia há anos de um câncer no estômago, a morte de João XXIII e os dezoito dias transcorridos até a posse de Paulo VI mantiveram o hospital em suspenso. Enquanto todos zanzavam excitados de um lado a outro, o doutor Moreira Porto dedicava os crepúsculos daqueles frios dias de junho a conversar com Bobby, que já conseguia, com auxílio de muletas, se deslocar entre os pavilhões do amplo pátio. Sentavam-se ao relento, Bobby sacava seu cachimbo, enchia-o devagar com tabaco local, e o médico acendia um cigarro do inseparável maço de Português Suave, os dedos amarelados de nicotina. Sob o esplêndido céu cravado de estrelas coruscantes, contou que, filho de uma família pobre do Alentejo, haviam migrado para Angola vinte anos antes, e que, com muito sacrifício, estudara medicina em Lisboa. Segredou ainda sua simpatia pelo MPLA. Em contrapartida, confessou que, embora discretos, conservavam-se desconfiados daquele inglês quieto e misterioso, que falava um estranho português, decerto não assimilado em Portugal nem na África. Bobby sentiu-se impelido a fazer revelações: a infância no Brasil, o regresso para Southampton durante a guerra, os estudos em Londres, a estada no Quênia como tenente do Exército britânico, sem explicar a verdadeira incumbência de seu pelotão, e omitindo o engajamento como mercenário no Congo Belga, pois temia que o médico, simpático às ideias nacionalistas, e os religiosos, por razões morais, pretendessem de alguma forma julgá-lo e condená-lo. Nesse período, em que a própria

natureza parecia conter-se em silêncio, deitava-se muitas vezes ao sol sob um *imbondeiro* e percebia o quão farto estava de expor-se a aventuras sem sentido a troco de um soldo no fim do mês. Suspirava saudoso da mãe, do pai — não da mãe internada num hospício em Southampton, nem do pai desaparecido em alguma parte da África, mas do pai e da mãe com quem convivera em Paranapiacaba, único tempo que, sabia agora, fora de fato feliz. E então, numa tarde em que as nuvens desenhavam lembranças no céu azul, resolveu recuperar aquele menino tímido e sonhador que um dia imaginou-se maquinista de trem e altivo dono de um viralata chamado Pellet.

Em princípios de setembro, coxeou por toda a missão redentorista, despedindo-se calado daqueles pavilhões, onde permanecera por quase seis meses. Sentia-se em dívida com os padres, as freiras, os enfermeiros e até mesmo com os outros pacientes, pois constatava que aquela temporada internado no Vouga havia contribuído para dissolver parte da ferrugem de cinismo que lhe turvava a vista. Emocionado, deixou de presente para o doutor Moreira Porto, por quem havia desenvolvido uma singela admiração, seu relógio de bolso Zenith, única coisa pela qual demonstrava relativa estima, e rumou para Nova Lisboa. Lá, andou investigando o paradeiro do pai, sem sucesso, e voltou a beber. Frustrado, às vezes chegava a duvidar da existência daquele homem com quem nunca privara mais que encontros fortuitos e insípidos, e cuja imagem, mesmo esforçando-se, já não conseguia evocar, borrada por vagalhões de amargura e mágoa. Em Luanda, instalou-se numa hospedaria ordinária na região do cais do porto, e após dias de aflitiva espera, quando caminhava embriagado pelas ruas ansiosas da cidade, numa difusa expectativa por distinguir o pai de entre a multidão, embarcou na segunda classe do paquete Império, quinze dias navegando pelas águas da costa ocidental da África, atracando em São Tomé e Funchal, antes de divisar Lisboa, envolta no magnífico manto branco do outono.